

Revista de Antropofagia

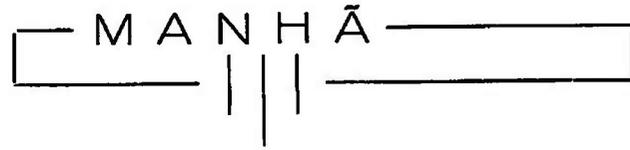
Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269

— SÃO PAULO

ABRE-ALAS



Nós eramos xifópagos. Quási chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo fígado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, principio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só êle fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (êsse carnava). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrá um Hans Staden. Êsse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados dêle se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.

Antônio de Alcântara Machado.

O jardim estava em rosa, ao pé do Sol
E o ventinho de mato que viera do Jaraguá
Deixando por tudo uma presença de agua
Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.
A gente si quizesse beijava o chão sem formiga,
A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!
As sombras se agarrando no folhede das árvores
Talqualmente preguiças pesadas.
O Sol sentava nos banicos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,
Uma fresca tão de mão lavada com limão
Era tão marupiara e descansante
Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...
Si eu tivesse a meu lado ali passeando
Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...

Na doçura da manhã quasi acabada
Eu lhes falava cordialmente:--Se abanquem um bocadinho
E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes
Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,
Coisa assim que puzesse um disfarce de festa
No pensamento dessas tempestades de homens.

MARIO DE ANDRADE

“Ali vem a nossa comida pulando”

(V. Hans Staden - Cap. 28)

RESOLANA

O mormaço é a fumaça da macega.
 Treme o longe diluido na quentura.
 O boi desce a recosta em procura da sombra
 mas pára logo, abombado.
 Lá no alto, voando, voando, bebendo o azul,
 subindo sempre — urubú.
 Feliz...
 O calor queima a terra, ferve no ar.
 (Memoria de marulhos
 gosto de espuma limo areia branca)
 A cabeça do alazão é uma chamma esbelta
 cortando o campo a trote largo.
 Vejo as orelhas agudas que se móvem,
 sinto o corpo fremente do cavallo.

E ha tanta harmonia entre o choque dos cascos
 e o meu tronco agitado na vibração febril,
 que eu compreendo a gloria animal da carreira:
 vou!

enrolado na força do sol.

(Rio Grande do Sul)

Do livro "Giraluz"

AUGUSTO MEYER

Estão no Prélo

LARANJA DA CHINA

DE

Antonio de Alcantara Machado

E

MACUNAIMA

DE

Mario de Andrade

A sair brevemente

Martim - Sererê

VERSOS

DE

Cassiano Ricardo

E

Republica dos E. U. do Brasil

POEMAS

DE

MENOTTI DE PICCHIA

Poema

Ella vae sozinha, tropeçando nas colheitas.
 Bate-lhe o sol nos hombros. Ella sente que um gosto
 humano
 deflora-lhe a bocca e illumina-a de absurdos.

Parece que um choro quer sorrir dentro de si.
 Parece que o sangue dentro de si quer matal-a
 e jogar-lhe clarões por cima.

Aquillo é o universo que se despenha dos seus cabellos.

(Pará)

ABGUAR BASTOS

UFA,

os films que assombram o mundo

REPRESENTANTE

Gustavo Zieglitz

RUA DOS ANDRADAS, 42

SÃO PAULO

Vacca Christina

A vacca Christina, de madrugada,
 Vem de belengue no longo da rua.

Uei,

Olha o leite da vacca Christina!

No Bango lambido de luzes escassas
 Estira-se a larga madrugada molle.
 Amontoa-se a garoa miuda. E lá adeante.
 Roda a carroça do lixo da noite.

Uei,

Quem quer leite da vacca Christina?

E a vacca bohemia, de pata pitoca,
 Vae toda faceira, enfeitada de fita
 Vae ver as comadres atraz dos tabiques
 Uei,

Viva as têtas da vacca Christina!

E passa a patrulha noturna da zona.
 E' a hora em que o Bango cansado cochila.
 Somente enche o resto da noite deserta
 O belengue molango no longo da rua:

Uei,

Quem qué o leite da vacca Christina?

Jacob Pim-Pim.

Do livro a sahir: "Ai, seu Mé".

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos catholicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informa-rá.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No paiz da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mappa mundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia cnlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Carahiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direcção do homem. Sem nós a Europa não teria siquer a sua

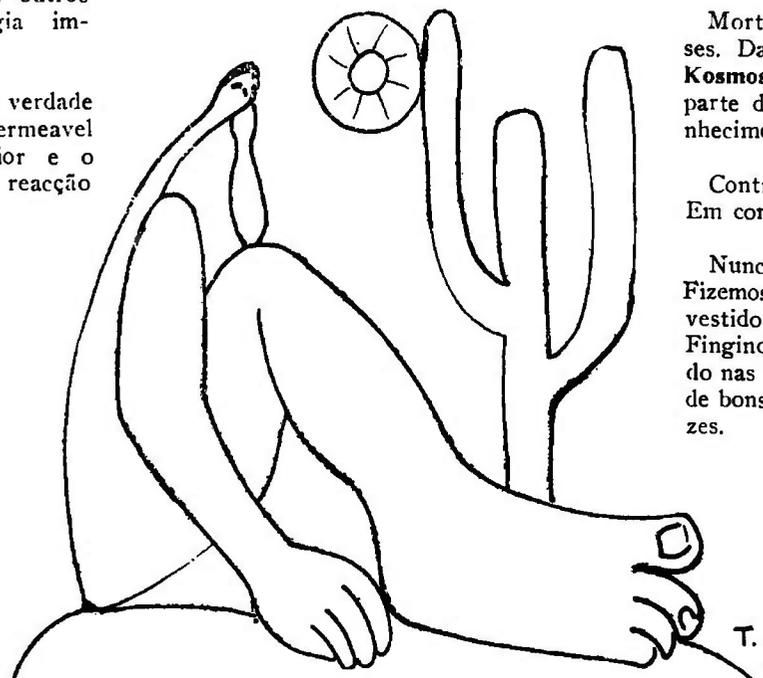
pobre declaração dos direitos do homem.

A edade de ouro annunciada pela America. A edade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Oú Villeganhon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechizados. Vive-mos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.



Deseño de Tarella 1928 - De um quadro que figurará na sua proxima exposiçao de Junho na galeria Percier, em Paris.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analphabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a labia,

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos attender ao mundo orecular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instincto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do Kosmos ao axioma Kosmos parte do eu. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em comunicação com o sólo.

Nunca fomos cathechizados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tinhamos o communismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A edade de ouro. Catiti Catiti Imara Notiá Notiá Imara Ipejú

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens phisicos, dos bens moraes, dos bens dignarios. E sabiamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticaes.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o

Só não ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?

SEIS POETAS

PEDRO-JUAN VIGNALE — Sentimento de Germana — Buenos Aires — 1927.

Os versos são de uma ternura forte e grave. Muito diferente daquêles pieguismo rimado dos poetas que sussurram no ouvido da amada. Pedro-Juan Vignale, maestro e entomólogo, ama a moderna. E poeta a moderna. Seus ditirambos em honra de Germana não são declarações de namorado bisonho: antes de que tem fé convencida e invencível num sentimento muito alto mas palpável. Nada de dúvidas cruciantes ou queixumes suspirados. Nenhuma alusão á morte salvadora.

Através da mulher o poeta ama a terra onde ela nasceu: esta terra. Sentir uma é sentir a outra.

En tus manos ávidas
traes
los cielos del Brasil

Ouvindo a voz cálida de trópico é que ele vê

esa tarde paulista
exprimirse
sobre el Tietê
hasta inundarlo

O que é positivamente lindo.

Esse contracto de poeta, tão profundamente vigoroso com o tema lírico Brasil ainda nos dará (penso eu) muita cousa ótima.

JORGE FERNANDES — Livro de poemas — Natal — 1927.

A poesia de Jorge Fernandes machuca. Diante dela fica-se com vontade de gritar como o próprio poeta na *Enchente*:

Lá vem cabeçada...

E vem mesmo. Poesia bandoleira, violenta, golpeando a sensibilidade da gente que nem o tejú brigando com a cobra: *Léxo! léxo!*

Ao lado disso uma afeição carnal e selvagem pela terra sertaneja como demonstra entre outras a esplêndida *Canção do inverno*. E feito tudo de dizer as cousas. Jorge Fernandes tem a mão dura: tira lascas das paisagens que caem nas unhas dêle. *Mão de derrubar* sem dúvida. Aquella mesma trabalhadeira e lírica *Mão nordestina* que dá o nome a uma de suas poesias mais características.

Outra cousa: Jorge Fernandes fala uma lingua que nós do Sul ainda não compreendemos totalmente mas sentimos admirável. Eu pelo menos não percebo trechos e trechos de várias poesias suas. No entanto gosto dêles. O poema *Avôetes* por exemplo (não sei se por causa da construção particularíssima de certas frases) espanta como o desconhecido. E é bonito que só vendo.

O autor do *Livro de poemas* evidentemente está passando por um período doído de auto-crítica de que sairá melhorado com certeza. Ele mesmo reconhece isso e caçoa de suas reminiscências parnasianas. Daí uma porção de pequenos defeitos nas vésperas de completo desaparelhamento. Ou eu muito me engano.

JORGE DE LIMA — Poemas e *Essa negra Fulô* — Maceió — 1927 e 1928.

A ascensão de Jorge de Lima é uma delícia. De soneto *Acendedor de lampêes* ao poema *Essa negra Fulô*. Sujeito inteligente como poucos soube procurar e achou. Abençoado Manuel Bandeira.

Dos *Poemas* eu separei G. W. B. R. Gostosura de lirismo vagabundo, alegre, levado dos diabos. Dá vontade na gente de repetir a viagem tendo o poema bem guardado na memória. Separei êsse por ser o meu predileto. Mas não o único notável. Rio de São Francisco também me agrada bastante. *Bala de Todos os Santos*, *Santa Dica*, *Floriano-Padre Cícero-Lampeão* igualmente têm cousas que a gente não esquece. Principalmente o primeiro. E do magnífico *Changô* pula um bodum danado, rebenta um ritmo infernal. Inútil querer resistir.

De vez em quando uma descaída sentimental ou pueril, livresca, oratória ou conceituosa que desaponta mas não assombra. Porque não é assim tão facilmente que se rompe com certos cacoetes literários. Não vê. A cousa é dura como quê. Não tem importância: Jorge de Lima está ficando cada vez mais escovado. Por isso duvido muito que em seus livros futuros apareçam versos como *Oração*, *Meninice*, *Poemas dos bons fradinhos*, *A voz da igreja* e o *Painel de Nuno Gonçalves* sobretudo.

Agora *Essa negra Fulô*. E' das cousas mais marcantes que a poesia nordestina nos tem enviado de muito tempo para cá. *Essa negra Fulô* sim. Bole com a gente. Pinica a sensibilidade da gente. Enbala o sensualismo da gente. Canção e história da escravidão sem querer scr. Poesia boa, cheirosa, suarenta, apetitosa, provocadora.

Ora se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô)
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?
— Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

O Sinhô foi açoiar
sossinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
ninha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso-Senhô me mandou?
Ah! foi você que roubou
foi você, negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô. Pretinha do inferno.
Essa negra Fulô.

A. de A. M.

Henrique de Resende, Rosario Fusco e Ascanio Lopes — *Poemas* — Cataguazes — 1928.

E' a gente simpática da Verde de Cataguazes.

Livro naturalmente desigual puxando para três lados.

Henrique de Rezende é o mais velho da turma. Engenheiro rodoviário vai anotando nas margens do caderno de medições e de cálculos os aspectos dos caninhos que êle abre

como um cordame de veias
no corpo adusto
da terra inhospita.

Não sei se como engenheiro é bom poeta. Mas sci que como poeta é bom engenheiro. Seus versos são solidamente construídos sobre leito bem empedrado. Nem falta o rôlo compressor de uma auto-crítica severa. E êsses caminhos têm sombras para a gente repousar a vista tonta da luz das paisagens. A ermida por exemplo: tão comvente e tão bonita.

Rosario Fusco é um menino. Está dito tudo: mistura timidez com audácia, brutalidade com ternura, larga o cstitingue para choramingar no colo de um affecto bom. Tem talento. Quanto a isso não pode haver dúvida. Tem talento, vontade de acertar e uma desenvoltura ótima na qual a gente não pode deixar de pôr a maior das confianças. Eu gosto muito dêste poeminha — *Sala de gente pobre* — do qual tomo a liberdade de suprimir o último verso:

Um banco.
Uma mesa.
Um quadro: Nossa Senhora....
Outro quadro: São José....

Um lampeão.
Nem ambição de mais coisas.

Os defeitos de Rosario Fusco são defeitos de quem tem dezeseite anos. Em geral porque há alguns mais graves que podem virar crônicos se não forem curados logo: linguagem meio cá mcio lá, quedazinha para o lugar-comum, imagem de efeito, final arranjadinho. E outros mais. Porém eu já disse e repito que em Rosario Fusco a gente pode ter sem medo muitíssima confiança.

Ascanio Lopes também é menino: menino malicioso, gozador, cheio de subentendidos. O principal defeito dêle é o mesmo de Rosario Fusco: a idade que tem. Daí, apesar dêle ser brincalhão, certas puerilidades sentimentais, o desejo criança de ser acarinhado e o tema tristeza soando falso nas poesias dêle.

A mata é grande demais para o fogo pegar caracteriza bem a sua maneira boa:

Na modorra enorme do sertão
os empregados trabalhavam nos eitos da
[roça

cantando cantigas ingenuas.

Mas do lado da serra, lá longe, começou
[a subir fumaça

e as chamas tamparam as arvores da
[mata.

O feitor disse que era uma queimada que
[saltara o acceiro.

Ninguém pensou em apagar o fogo.
No céu os gaviões gritavam assustados.

Ascanio Lopes não deve abandonar êsse seu feito de gozador a seco.

O pessoal da Verde é portanto uma surpresa excelente e cuja excelência de hoje em diante não mais surpreenderá ninguém.

A. de A. M.

A LINGUA TUPY — (Continuação)

gem, o da sua significação como exprimindo um estagio humano, e, sobretudo, a intima comunhão cosmica, essa especie de intercompreensão, de intersensibilidade e correspondencia dos elementos idiomáticos representativos dos objectos, (substantivo) das acções (verbos) e das circunstancias, (adjectivos e adverbios) que resumem toda uma syntaxe primitiva, que prescindia de preposições e conjunções, primeiras moletas da decadencia na função creadora das linguas.

A hypothese onomatopáica de Heber, a das interjecções de Horne Tooke, a do poder inherente á natureza humana, de Max Muller, a materia debatida por Condillac, Leibnitz, Locke, são indicações curiosas para indagações mais remotas, e hoje, pelo menos, nos fazem meditar sobre o acervo lexico das raças que foram desaparecendo em nosso continente. A propria origem do "homus americanus", pensamento que nos perturba diante da Lagôa Santa ou dos Sambaquis de Iguape; ou na consideração phantásiosa dos chronistas das possíveis migrações transoceanicas precolumbianas; o senso das edades, a idade da nossa terra, tudo isto se prende, de certa forma, ao estudo do nosso indio e da sua lingua, e o assumpto é hoje muito mais suggestivo.

Porém, principalmente depois das hypothese de Freud, da sua interpretação pela psychanalyse da vida social dos povos primitivos ("Totem et Tabou"); depois do cansaço das civilizações de que a Europa presente é uma grande expressão; e ao despertar de um seculo em que o senegalez confraternizou com o "poulu", e Josephina Backer lançou os requebros yankees do Zanzibar, — é depois de tudo isto que ha um novo interesse, e, portanto, deve haver um novo criterio para o estudo da nossa lingua tupy

A doutrina da equivalencia espiritual, denominação que poderemos dar ao ponto de vista catholico do inicio da colonização brasileira, assume hoje um novo aspecto. E' a equivalencia das forças originaes humanas, denominador commum de todas as raças.

A tendencia primitivista das nossas artes modernas, como das formas da civilização moderna, o proprio primitivismo desta era nova, que Keyserling denomina a era do chauffeur, tudo isto nos leva ás mais intimas confraternizações com o elemento humano em suas expressões iniciaes. Vem dahi a comprehensão mais perfeita que teremos da lingua dos povos primitivos.

A nossa lingua tupy, não a devemos estudar mais com um senso grammatical, philologico, mas com um senso humano. O idioma, ou os idiomas falados pelos povos americanos precolombianos representam uma verdadeira eucharistia: o homem commungando com a natureza.

E' sob este ponto de vista que devemos tomar os elementos verbaes polyrythmicos da lingua dos nossos selvagens. Veremos desdobrar-se aos nossos olhos através de cada palavra, de cada raiz, toda a alma do nosso indio.

Tenho observado — pelos pouquissimos conhecimentos que tenho do tupy — que a onomatopéa é, de facto, a origem mais remota da linguagem dos indios. Não direi precisamente onomatopéa, segundo a presumpção de Herder, ou seja a imitação da natureza. Prefiro a onomatopéa

não simplesmente representativa de percepções auditivas, mas como representação de relações entre os sentidos e os dois mundos, o objectivo e o subjectivo. Donde se origina a generalização das significações, a analogia que vae ampliando a função representativa dos vocabulos, ou das syllabas. Analogia que obedece a um sentido sensorial, ou a uma logica sentimental. Isso tudo estabeleceu muita confusão entre os que primeiro estudaram as linguas dos nossos aborígenes. Porque não tinha sido interpretado o sentido dessas linguas, de homens primitivos, em plena idade da pedra lascada.

Quando, com Raul Bopp, comeci a me interessar por estes assumptos, estimulados ambos pelas nossas conversas com Alarico Silveira, dei-mos para fazer varias "descobertas". Não sei até que ponto podem ellas ter valor. Em todo o caso, são caminhos para melhores averiguações.

Por exemplo: onde entram as expressões *ta, te, ti, to, tu*, quer dizer que a cousa é dura de tinir. *Ita* — pedra, ferro; *ibitu*, — montanha, de *ibi-terra*, e *tu*, coisa dura, tesa; *cunhatan*-mulher virgem, de *cunhá*-mulher, e *tan*-coisa dura, tesa (os seios, naturalmente); *taquaracanna* de bambú, de *tá-duro*, e *quara-ôco*; *tátá*-fogo, provavelmente porque é do atricto de coisas duras que sae fogo, e o indio não conhecia mesmo outro processo de fazer fogo, aliás velho processo que vinha desde os primeiros sambaquis de Iguape, ou desde o homem de Lund; ou de Ameghino, segundo a descoberta feita pelo incançavel Ricardo Croner.

Como sabemos, agua é *hy*, ou *ig*. Quem nos dirá que pedra, *ita*, não vem da circumstancia de estar sempre a pedra ligada á agua, nas minas, nas grutas, no mar, ou em lucta, ou em paz? Seixos que rolam, pedregulhos, granitos e basaltos emoldurando as cachoeiras, penedos no mar, tócas onde nascem os cortegos...

Espuma é *tii*. Porque a espuma se origina de choques, de violencias. E tudo o que é forte, ardente, traz, por analogia, o *t*. *Tai*, raiz que arde, gengibre; *tainha*, dentes; *tatarana*, insecto que queima; *tiquira*, aguardente, pinga; *tainha*, caroco, semente (analogia de dente); *tacunhá*, membro sexual do macho (*tá*, duro; *cunhá*, mulher); *tacape*, arma de matar, etc.

A consoante *t*, lembrando tudo o que é duro, forte, violento, traz sempre idéa de atricto, como se vê em *tátá*, fogo, em *tii*, espuma. Por isso, *tiquira*. Pois tudo o que é *qui* significa coisa meuda. *Ti* é violencia que o fogo exerce para distillar a aguardente, que vae sahndo aos pingos, *qui*. E temos tambem *Quiriri*, ou *quiririm*, que quer dizer muitos meídos, do mesmo modo que *quirera*. Como se sabe, o plural em tupy, entre suas varias formas tem a da repetição de *rere*, *ri-ri*.

Isto dito, vejamos Mantiqueira, o nome de nossa grande serra. *Man* quer dizer *ver*, enxergar. *Tiquera*, ou *tiquira*, quer dizer meudos, pequeninos, razurado, pulverizado. O indio, naturalmente, do alto da serra, via tudo diluido na distancia, via tudo *tiquera*...

E' preciso notar-se (e chamo a attenção dos meus leitores para este facto) que nem sempre se encontrará a confirmação destas hypothesez na lingua tupy. Por-

que tambem, com certeza, depois de feitas as expressões iniciaes, a lingua selvagem soffreu os metaplasmas a que nenhum idioma póde-se furtar. Houve, por certo, transposições, elições, figuras de diminuição ou de augmento, modificações prosodicas sensiveis obedientes a leis climatericas, cosmicas e historicas, e de tal forma que se contavam dezenas de dialectos na época da descoberta. Accrescente-se a isso a obra unificadora dos jesuitas, as influencias hespanholas, portuguezas, francezas e tapuyas. De modo que a documentação desta hypothese se torna muito difficil. A hypothese é apenas para mostrar o espirito que possivelmente presidiu a formação da lingua tupy.

Pa, pe, pi, po, pu, traz sempre idéa de superficie, ponta, extremidade, contacto, contorno, revestimento, limite. Sendo superficie, tambem é tudo o que se refere a plano, por exemplo a pequenez, a chateza, que se confunde quasi com a superficie. Donde *peua*, ou *peba*, que significa chato, liso. Cachorro pequeno é *yaguá-peua*, ou *yaguá-peba*. Mas exprimindo esta consonancia tambem ponta, extremidade, coisas tão relacionadas com superficie, (é a logica intima das intercorrespondencias sensoriaes) o indio chama a aza do passaro *pepu*, as mãos do homem, *po*, ou *pu*. Pela mesma razão, as cousas que revestem levam essa consonancia. Pelle é *pe*, ou *pi*. Como vimos, *re-re*, ou *riri* são formas do plural. Dahi vem *piriri*, ou *perere*, muitas pelles, porque a pelle quando irritada dá a idéa de que se multiplica em muitas pellezinhas. Pelo menos é a sensação que se tem, quando nos sentimos arrepiados. Portanto, *perereca*, ou *piririca* significam estremecer. Ligada essa idéa ao ar, ao vento, ás folhas das arvores, e finalmente a outros rumores da natureza, temos a significação tambem empregada de *sussurrar*, *sussurro*. Mas *pe* é, principalmente, a expressão do contacto entre os sentidos e os mundos subjectivo e objectivo. Donde a significação de superficie, de contorno, de véo ou pelle. Por isso, *petuna* (pelle ou véo preto) quer dizer noite. Mas é á noite que se repousa, que se dorme, portanto, *pituu* é o verbo repousar. E o dia em que se descança (domingo ou feriado) é para o indio tambem *pituu*. Esta consonancia, exprime, tambem, por essas intimas analogias o *rebentar das superficies*. Assim, temos *pororoca*, *pipóca*, *pereba*, *puca*, (quebrar, estalo de onde *arapuca*, *ara-ave*; e *puca-quebrar*). Pelo que vimos, pelle *piririca* quer dizer pele que salta irritada. Tudo o que salta, estrebucha, é *perereca*. De onde vem o *Sacy-perere*, ou *perereca*. Mais forte do que *piririca*, é, porém, *tiririca*, pelo que já vimos do valor de *t*. Portanto, "ficar *tiririca*", expressão que usamos tanto, dá perfeitamente idéa do estado do individuo que estremece com violencia, ou dá pulos de raiva.

Em outros artigos arranharemos exemplos interessantes, não só do ponto de vista das analogias sensoriaes, como agora, mas das sentimentaes, que revelam operações psychologicas mais difficeis.

Hoje foi só para mostrar que a lingua tupy é uma lingua quasi em estado nascente, directamente ligada á natureza, oriunda do contacto immediato entre o homem e o mundo.

, Plinio Salgado

Manifesto Antropofago

Contra as historias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem Cesar.

A fixação do progresso por meio de catalogos e aparelhos de televisão. Só a maquinária. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagonicas. Trazidas nas caravellas.

Contra a verdade dos povos miseráveis, definida pela sagacidade de um antropofago, o Visconde de Cayrú: — É a mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jaboty.

Se Deus é a consciencia do Universo Increado, Guaracy é a mãe dos viventes. Jacy é a mãe dos vegetaes.

Não tivemos especulação. Mas tinhamos adivinhação. Tíhamos Política que é a sciencia da distribuição. E um systema social planetario.

As migrações. A fuga dos estados tédiosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatorios, e o tédio especulativo.

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabú em totem. Antropofagia.

O pater familias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorancia real das coisas + falta de imaginação + sentimento de authoridade ante a procuriosa.

E' preciso partir de um profundo ateismo para se chegar a idéa de Deus. Mas o carahiba não precisava. Porque tinha Guaracy.

O objectivo creado reage como os Anjos da Queda. Depois Moysés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portuguezes descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o indio de tocheiro. O indio filho de Maria, afilhado de Catharina de Medicis e genro de D. Antonio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memoria fonte do costume. A experiencia pessoal renovada.

Somos concretistas. As idéas to-mam conta, reagem, queimam gente nas praças publicas. Suprimamos as idéas e as outras paralyrias. Pelos roteiros. Acreditar nos signaes, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Grachos, e a Côrte de D. João VI°.

A alegria é a prova dos nove.

A lucta entre o que se chamaria Increado e a Creatura-illustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabú. O amor quotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformal-o em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realisar, a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males cathecistas. O que se dá não é uma sublimação do instincto sexual. E' a escala thermometrica do instincto antropofagico. De carnal, elle se torna electivo e cria a amizade. Affectivo, o amor. Especulativo, a sciencia. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia agglomerada nos peccados de cathecismo — a inveja, a usura, a calumnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e christianisados, é contra ella que estamos agindo. Antropofagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céo, na terra de Iracema — o patriarcha João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independencia ainda não foi proclamada. Frase typica de D. João VI°: — Meu filho, põe essa corôa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dynastia. E' preciso expulsar o espirito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e oppressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem substituições e sem penitenciarías do matriarcado de Pindorama.

OSWALD DE ANDRADE.

Em Piratininga.
Anno 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.

BRASILIANA

RAÇA

De uma correspondencia de Sarutayá (Est. de S. Paulo) para o *Correio Paulistano*, n. de 15-1-927:

O Sr. Abrahão José Pedro offereceu aos seus amigos um lauto jantar commemorando o anniversario de seu filho José e baptizado do pequeno Fuad, que nessa data foi levado á pia baptismal.

Foram padrinhos o sr. Rachide Mustafa e sua esposa d. Jorgina Mustafa.

O Sr. Paschoalino Verdi proferiu um discurso de saudação.

POLITICA

Da mesma correspondencia:
O Sr. Rachid Abdalla Mustafa, escrivão de paz, muito tem trabalhado para augmentar o numero de eleitores.

DEMOCRACIA

Telegrama de Fortaleza (AB):
A bordo do "Itassussê" passou por este porto com destino ao norte, S. A. D. Pedro de Orleans e Bragança, acompanhado de sua esposa e filho.

S. A. desembarcou, visitando na Praça Caio Prado a estatua de Pedro II. O povo acclamou com enthusiasmo o principe. A officialidade do 23.º B. C. e a banda de musica cercada de enorme multidão, aguardou a chegada de S. A. naquela praça.

Compacta massa, acompanhou os distinctos viajantes até a praça do Ferreira, onde o tribuno Quintino Cunha fez uma entusiastica saudação em nome da população.

Na volta para bordo, um preto catraeiro, de nome Vicente Fonseca, destacando-se da multidão abraçou o principe dizendo: "Fique sabendo que as opinões mudaram mas os corações são os mesmos".

RELIGIÃO

Telegramma de Porto Alegre para a *Gazeta de S. Paulo* n. de 22-3-927:

Vindo de S. Paulo chegou a esta capital o sr. Sebastião da Silva, que fez o raide daquelle (Estado ao nosso, a pé, tendo partido dali em outubro.

O "raidman" tomou essa resolução em virtude de uma promessa feita a Virgem Maria, para que terminasse a revolução no Brasil. Quando se achava proximo a esta Capital, teve conhecimento do termino da lucta, proseguindo até aqui, afim de cumprir a sua promessa.

Sebastião Antonio da Silva conta actualmente 35 annos de idade.

NECROLÓGIO

De um discurso do professor João Marinho na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (Estado de S. Paulo, n. de 3-8-921):

O dr. Daniel de Oliveira Barros e Almeida nasceu num dia e morreu em outro, de doença de quem trabalha, coração cansado antes de tempo.

Entre os dois, correu-lhe a vida.

SURPRESA

Telegramma de Curitiba para a *Folha da Noite de S. Paulo*, n. de 2-11-927:

Informam de Imbituba que o individuo Juvenal Manuel do Nascimento, ex-agente do correio, reuniu em sua casa todos os amigos e parentes sob o pretexto de fazer uma festa. Durante o almoço, Juvenal mostrou-se alegre e, ao terminar a festa foi ao seu quarto, do qual trouxe um embrulho contendo uma dynamite, dizendo que ia proporcionar a todos uma surpresa.

Todos estavam attentos e esperando a surpresa quando, com espanto geral, o dono da casa approximou um cigarro acceso do embrulho que explodiu, matando Juvenal e ferindo gravemente sua esposa e todas as pessoas que haviam assistido ao convite fatal.

A "Descida" Antropofaga

A "descida" agora é outra.

O Autor

Ha quatro seculos, a "descida" para a escravidão. Hoje, a "descida" para libertação. O Diluvio, foi o movimento mais serio que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi intelligente, pratico e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropophago, — que é o mais serio depois do Diluvio — vem para comer Noé. **NOE' DEVE SER COMIDO.**

Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo código de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a belleza natural — feia, bruta, agreste, barbara, illogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missangas da catechese. O selvagem comendo a catechese.

Os **PEROS** que ainda existem entre nós não de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilizado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura europea: é experiencia della. Experiencia de quatro seculos. Dolorosa e páo. Com Direito Romano, canal de Veneza, julgamento synthetico a priori, Tobias, Nabuco e Ruy. O que fazemos é reagir contra a civilização que inventou o catalogo, o exame de consciencia e o crime de defloramento. **SOMOS JAPY-ASSU'**:

"Ce venerable vieillard Japi Ouassou fut merveil-
leusement attentif, comme tous les autres Indiens lá
presens aux discours susdicts á quoi il replique ce qui
s'ensuit. Je m'esionis extremement de vous voir et me
manqueray á tout ce ie vous ay promis. Mais ie me es-
tonne comme il se peut faire que vous autres PAY ne
vouliez pas de femmes. Estes vous descendus du Ciel?
Estes nays de Pere et Mere? Quay donc! n'estes pas
mortels comme nous? D'ou vient que non seulement
vous ne prenez pas de femmes ainsi que les autres Fran-
çois que ont trafiqué avec nous depuis quelque quarante
et tant d'années; mais encore que vous les empechez
maintenant de se servir de nos filles: ce que nous esti-
mions a grand honneur et grandheur, pouvans en avoir
des enfans".

(Claude d'Abbeville—"Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoicines.")

Contra o servilismo colonial, o tacaie inheguára, "gente de grande resolução e valor e totalmente impaciente de sujeição" (Vieira), o heroismo sem rosa de Commendador dos carahybas, "que se oppuzeram a que Diogo de Lepe desembarcasse, investindo contra as caravelas e reduzindo o numero de seus tripulantes" (Santa Rosa — "Historia do Rio Amazonas").

Ninguem se illuda. A paz do homem americano com a civilização europea é paz nheengahiba. Está no Lisbôa: "aquella apparatusa paz dos nheengahibas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor da vida selvagem, dados á antropofagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho."

Como se vê, facilimo ser antropophago. Basta eliminar a impostura.

Foram estas as consequencias dos versos ruimzinhos que Anchieta escreveu na areia de Itanhaén: Ordenações do Reino, grammatica e ceia de Da Vinci na sala de jantar. E não houve ainda quem comesse Anchieta!

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para que elle tome um banho daquela "innocencia contente" que perdeu e que o movimento antropophago agora lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem siquer a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, antropophago.

Quatro seculos de carne de vacca! Que horror!

(a) OSWALDO COSTA.

VISITA DE SÃO THOME'

Quando a Bahia não se chamava Bahia, muito antes de Pedro Alvares Cabral, São Thomé foi lá um dia.

Não sei se foi por acaso ou para vêr. Mas viu.

Viu e protestou contra as coisas que viu.

Fez um discurso cheio de conselhos que os indios escutaram de boccas abertas:

Que era preciso adorar a Deus, fugir do demonio, não ter mais que uma mulher. Conselhos bons.

Emquanto falava, fazia nascer da terra a planta da mandioca e a bananeira que ainda hoje dá bananas de São Thomé.

Então os indios gostaram.

Quando São Thomé, cansado, sentiu que devia acabar, acabou com estas palavras:

—E não comam nunca mais carne de gente!

Então os indios não gostaram. Avançaram.

Quizeram comer o santo.

Felizmente São Thomé corria mais do que elles.

Chegou na beira da praia, deu um passo de meia legua e foi parar numa ilha onde não tinha selvagens.

(Quem me ensinou isto foi Frei Vicente do Salvador...)

ALVARO MOREIRA.

NOTA INSISTENTE

Neste rabinho do seu primeiro numero a "Revista de Antropofagia" faz questão de repetir o que ficou dito lá no principio:

— Ella está acima de quaesquer grupos ou tendencias;

— Ella aceita todos os manifestos mas não bota manifesto;

— Ella aceita todas as criticas mas não faz critica;

— Ella é antropofaga como o avestruz é comilão;

— Ella nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaso seja vehiculo.

A "Revista de Antropofagia" não tem orientação ou pensamento de especie alguma: só tem estomago.

A de A. M.

R. B.